

MATRIZ PARA CONCEPÇÃO DE PROCESSOS E PRODUTOS EDUCACIONAIS ACESSÍVEIS

Adryane de Paula Barbosa Reis
Alcione Batista da Silva Moraes
Alexandre Palheta Monteiro
Amanda Bezerra Negreiros
Angra Luzia Corrêa dos Reis
Camila Maiara Costa Oliveira Prado
Cleonice Reis Souza Dourado Dias
Eva Maria Oliveira Alves
Geane do Socorro Rovere Leal Pinheiro
Lana Carolina Maués de Sales
Lângela dos Santos Carmo
Mara Rita Araújo Lago
Nalimilson Gomes Pinheiro
Natalia Almeida Evangelista
Pâmela Grazielle Rodrigues Pimentel
Suzana Cunha Lopes
Tonya Gonçalves Pinheiro

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Central/UFPA-Belém-PA**

M433 Matriz para concepção de processos e produtos educacionais acessíveis / Adryane
de Paula B. Reis ... [et al.]. — Belém : PPGCIMES, [2026].
20 p. : il. color.

Inclui bibliografias

1. Educação inclusiva – Manuais, guias, etc. 2. Educação especial. I. Reis,
Adryane de Paula B.

CDD 23. ed. – 371.9

Elaborado por Nelma Maria da Silva maia de Lima – CRB-2/1046

Este produto educacional piloto foi desenvolvido no contexto da disciplina optativa “Oficina pedagógica: estratégias para acessibilidade de processos e produtos educacionais”, do Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior (PPGCIMES), do Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão (NITAE²), da Universidade Federal do Pará (UFPA). A disciplina foi ministrada pela professora doutora Suzana Cunha Lopes, com monitoria da doutoranda Alcione Batista da Silva Moraes, e contou com a participação de estudantes de iniciação científica, mestrado e doutorado. A disciplina integra as atividades do projeto “Somos Diversas”.



Equipe técnica

Elaboração

Adryane de Paula Barbosa Reis
Alcione Batista da Silva Moraes
Alexandre Palheta Monteiro
Amanda Bezerra Negreiros
Angra Luzia Corrêa dos Reis
Camila Maiara Costa Oliveira Prado
Cleonice Reis Souza Dourado Dias
Eva Maria Oliveira Alves
Geane do Socorro Rovere Leal Pinheiro
Lana Carolina Maués de Sales
Lângela dos Santos Carmo
Mara Rita Araújo Lago
Nalimilson Gomes Pinheiro
Natalia Almeida Evangelista
Pâmela Graziele Rodrigues Pimentel
Suzana Cunha Lopes
Tonya Gonçalves Pinheiro

Diagramação

Geane do Socorro Rovere Leal Pinheiro

Revisão

Tonya Gonçalves Pinheiro

Consultoria de Acessibilidade

Alexandre Palheta Monteiro
Angra Luzia Corrêa dos Reis
Jordan França

Descrição das imagens

Lângela dos Santos Carmo

Desenvolvimento da versão on-line editável da Matriz

Cleonice Reis Souza Dourado Dias
Jordan França
Luiz Dourado Dias Júnior

Agradecimentos

Ademar Alves de Oliveira Júnior; Ádria Santos; Ana Lúcia Oliveira; Caroline Barros Soares; Flávia Affonso Mayer; Gonzalo Gilles; Jordan França; Leylianne Alves Vieira; Lucélia Cardoso Cavalcante; Luiz Dourado Dias Júnior; e Regiane Lucas de Oliveira Garcêz.

Sumário

07 Apresentação

09 Conceitos

12 Metodologia

14 Matriz

18 Próximos passos

19 Resultados esperados

20 Referências bibliográficas



“

**Porque – disse ela – quando você tem
medo e faz mesmo assim, isso é
coragem**

Coraline (Neil Gaiman)

”



Apresentação

Querida(o) leitora(r),

É com grande satisfação que apresentamos essa versão piloto da “Matriz para concepção de produtos e processos educacionais acessíveis”, um trabalho coletivo que realizamos no contexto da disciplina “Oficina pedagógica: estratégias para acessibilidade de processos e produtos educacionais”, que foi ofertada no segundo semestre de 2025, no Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior (PPGCIMES), do Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão (NITAE2), da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Nessa disciplina, discutimos os conceitos de inclusão e acessibilidade, principalmente em ambiências e interações educacionais; conhecemos normas técnicas de acessibilidade; e aprendemos a exercitar e implementar a inclusão como rotina em nossas atividades dentro e fora da universidade.

Para isso, contamos com um quadro de pesquisadoras(es) e profissionais com larga experiência e engajamento nas áreas de acessibilidade digital, inclusão, audiodescrição, cultura surda, muitas(os) das(os) quais integrantes do Projeto “Somos Diversas” (@somosdiversas), que reúne uma rede de grupos de pesquisa para investigar a percepção da deficiência e a acessibilidade nas universidades brasileiras e desenvolver ações de mobilização e engajamento, considerando que a inclusão demanda o envolvimento de todos.

A disciplina e este produto que apresentamos são algumas dessas ações. E por falar neste produto, é preciso dizer que ele foi gestado por um coletivo. Somos estudantes de iniciação científica, mestrado e doutorado, além de egressos e docentes do PPGCIMES. Concebemos colaborativamente esta matriz para compartilhar algumas articulações teóricas e, sobretudo, inquietações metodológicas que deixam abertos novos caminhos de pesquisa. Para que essa experiência não parasse em nós, esboçamos uma matriz para ajudar estudantes de pós-graduações profissionais, especialmente na área de Ensino, a conceber produtos e processos educacionais acessíveis.

Partimos do entendimento de que a acessibilidade de produtos e processos educacionais é um direito das pessoas com deficiência, que, para ser plenamente garantido, é necessário que seja pensado desde o momento da concepção de nossas produções acadêmicas, sob o risco de inviabilizar adaptações ao final do processo ou mesmo não promover a inclusão, ainda que atenda a alguns requisitos de acessibilidade.

Quando falamos aqui de inclusão, não estamos nos referindo a um processo cujas bases já estão pré-definidas e protocolos já estão determinados para serem seguidos. A inclusão é um processo em construção, que exige a mobilização de diversas(os) interagentes e fatores, pois não se trata de abrir portas, mas de romper muros, reposicionar os espaços, (re)estabelecer relações. Trata-se de questionar o próprio entendimento de deficiência, deslocá-lo do indivíduo para as interações que todas(os) estabelecemos entre nós e os meios em que vivemos. Por fim, trata-se de construir convivência.

E não se constrói inclusão ou convivência sem as pessoas com deficiência. O lema “Nada sobre nós sem nós”, no contexto da concepção de produtos e processos educacionais, orienta uma postura de pesquisa em que as pessoas com deficiência não serão só consideradas, como devem participar desde o início do percurso, colaborando para encontrar caminhos criativos para questões ainda não dadas. Para incluir é preciso criar. Vem com a gente?

As(Os) autoras(es)!



Conceitos

Camadas do produto educacional

Na perspectiva de Mendonça e colaboradoras (2022), um produto educacional (PE) é composto por quatro camadas:



A **Camada Conceitual** engloba todo o repertório de conhecimentos que são mobilizados para atingir sua finalidade.



A **Camada Didático-Pedagógica** proporciona a orientação sobre o itinerário ou percurso formativo de ensino-aprendizagem que deve ser seguido com o objetivo de atender ao propósito do PE. É a camada responsável pela articulação sistemática sobre como se aprende, quais as possibilidades mais propícias para aprendizagem, metodologias e recursos metodológicos.

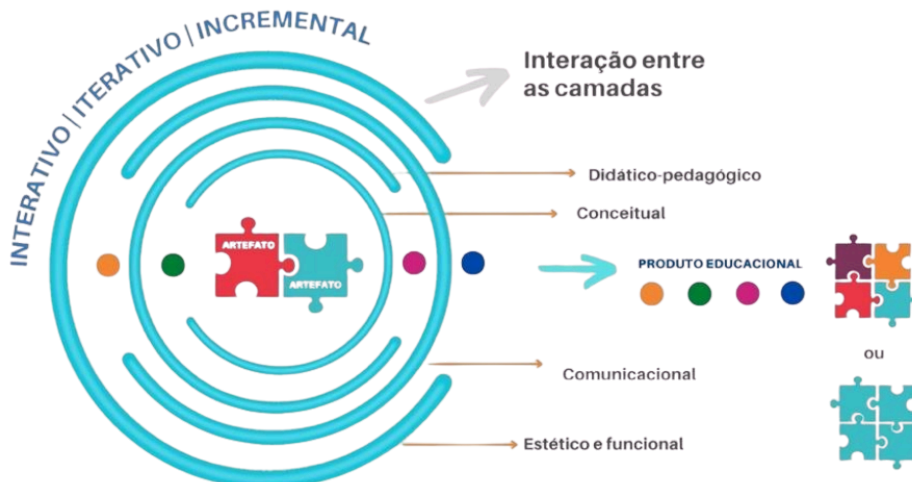


A **Camada Comunicacional** está relacionada a como o produto dialoga com o público para quem se destina o PE. Esta camada é a “voz” do produto que dialoga com a(o) aprendente e a(o) conduz ao processo de aprendizagem.



A **Camada Estético e Funcional** engloba os elementos empregados no produto que o tornam aprazível, atraente, envolvente e harmonioso, gerando não apenas identificação com as(os) aprendentes, mas conferindo-lhe melhor compreensão, usabilidade e facilidade de acesso.

Figura 1: As camadas que constituem um produto educacional.



Fonte: Mendonça e colaboradoras, 2022, p. 9.

Desenho Universal (DU)

O Desenho Universal ou Design Universal (DU), segundo o Center for Excellence in Universal Design (CEUD, 2025), refere-se à concepção de produtos, edificações, ambientes ou serviços. Seu objetivo é possibilitar que sejam acessados, compreendidos e utilizados pelo maior número de pessoas possível, elencando sete princípios com o intuito de garantir que o objetivo da universalidade seja alcançado. Sendo eles:

- 1** **Uso equitativo:** deve ser possível a utilização por todos os usuários, evitando segregação e estigmatização, além de possuir design atrativo.
- 2** **Flexibilidade de uso:** pode ser adaptado pelo usuário para o melhor ritmo de uso, por exemplo, ser utilizado por destros e canhotos.
- 3** **Uso simples e intuitivo:** é fácil de entender, pois não necessita de conhecimento prévio ou habilidades específicas para utilizá-lo.
- 4** **Informação perceptível:** a comunicação de informações é feita de forma clara e em diversos formatos (imagens, verbal, tátil).
- 5** **Tolerância ao erro:** evita que ações que possam levar à riscos acidentais ou não intencionais sejam cometidos.
- 6** **Baixo esforço físico:** utilização eficiente e confortável, proporcionando o mínimo de fadiga possível.
- 7** **Dimensões e espaço para aproximação e utilização:** tamanho e espaço são dimensionados de modo adequado e proporcional, possibilitando que seja utilizado independente do usuário.

Dimensões da Acessibilidade

A acessibilidade, de acordo com Romeu Kazumi Sassaki (2009), é um princípio fundamental para a plena inclusão social de indivíduos com deficiência. Ela vai além da mera remoção de barreiras físicas, requer a reformulação dos sistemas sociais, educacionais, culturais e do mercado de trabalho para que eles reflitam a diversidade humana em suas variadas formas. Para isso, Sassaki (2009) sublinha sete dimensões da acessibilidade.



A **dimensão arquitetônica** refere-se à eliminação de barreiras físicas nos espaços urbanos, edificações, transportes e ambientes internos, assegurando condições adequadas de circulação e uso.



A **dimensão comunicacional** diz respeito à ausência de obstáculos na comunicação interpessoal, escrita, virtual e informacional, de modo que todas as pessoas possam receber e expressar informações em igualdade de condições.



A **dimensão metodológica** envolve a adaptação de métodos, técnicas e estratégias de ensino, trabalho e lazer, considerando diferentes estilos de aprendizagem, ritmos e necessidades.



A **dimensão instrumental** trata da adequação de instrumentos, ferramentas, equipamentos e materiais utilizados nas atividades cotidianas, como materiais pedagógicos, utensílios de escrita, máquinas e tecnologias.



A **dimensão programática** refere-se à eliminação de barreiras invisíveis presentes em leis, normas, regulamentos, políticas públicas e programas institucionais.



A **dimensão natural** visa remover barreiras no ambiente natural, como a dificuldade de locomoção em praias, trilhas e áreas verdes, com soluções como cadeiras de rodas anfíbias, por exemplo.



A **dimensão atitudinal**, que é considerada central por Sassaki (2009), preconiza a superação de preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações presentes nas atitudes e comportamentos sociais, baseada no respeito à diversidade humana.

Metodologia

A metodologia utilizada para a elaboração de uma matriz piloto como produto da “Oficina pedagógica: estratégias para acessibilidade de processos e produtos educacionais” foi estruturada de forma a aplicar as discussões e referenciais teóricos trabalhados ao longo da disciplina. Assim, foi adotada uma abordagem colaborativa, que, segundo André (2010), caracteriza-se pela produção coletiva de conhecimentos, na qual as(os) participantes atuam de forma integrada, compartilhando decisões, reflexões e responsabilidades ao longo do processo investigativo.

Desse modo, foram experienciadas, durante a disciplina, oficinas e palestras, além de sessões de diálogos colaborativos entre as(os) participantes. Em cada encontro regular da disciplina, também foi reservado um momento para as discussões e tomadas de decisões quanto aos objetivos do produto, público a quem seria direcionado, intersecções teóricas e metodológicas e escrita do conteúdo da matriz. Essas atividades foram ora realizadas pelo conjunto da turma, ora com divisões de tarefas em subgrupos.

Para a elaboração do conteúdo da matriz, foi realizado um primeiro cruzamento teórico entre as quatro camadas do produto educacional (Mendonça et al., 2022) e os diferentes tipos de deficiência contempladas pela legislação vigente, de maneira a refletir a acessibilidade, de maneira ampla, para a diversidade de públicos com deficiência. Assim, percebeu-se como esses diferentes públicos precisam ser pensados de forma global e ao mesmo tempo específica na concepção de produtos e processos educacionais, indo além de recursos de acessibilidade mais recorrentes, como audiodescrição e tradução em Libras, que atendem apenas públicos específicos com deficiências sensoriais.

Partimos, então, para o segundo cruzamento teórico entre as quatro camadas do produto educacional (Mendonça et al., 2022) e as sete dimensões de acessibilidade (Sasaki, 2009), buscando compreender as possíveis associações entre elas, se algumas dimensões de acessibilidade estariam mais vinculadas a alguma camada específica ou como elas se atravessavam. O exercício do cruzamento teórico relevou como todas as diferentes dimensões de acessibilidade atravessam as quatro camadas, sendo necessário considerá-las de maneira global no momento da concepção de um produto educacional, apesar de as acessibilidades atitudinal e comunicacional serem observadas de forma mais evidente como relevantes para todos os públicos com deficiência.

Por fim, o terceiro passo foi redigir possibilidades de estratégias a serem consideradas pela(o) pesquisadora(r) em cada camada de um produto educacional a fim de contemplar todas as dimensões de acessibilidade. Foi assim que chegamos à versão da matriz apresentada a seguir.

Matriz

A construção de produtos e processos educacionais implica escolhas teóricas, metodológicas, estéticas, comunicacionais e outras dimensões que materializam uma determinada concepção de ensino, aprendizagem e inclusão. Para a elaboração desta Matriz, compreende-se que as camadas Conceitual, Didático-Pedagógica, Comunicacional e Estética-Funcional, tal como descritas por Mendonça e colaboradoras (2022) na constituição de produtos e processos educacionais precisam dialogar diretamente com as dimensões de acessibilidade propostas por Sasaki (2009): Acessibilidade Atitudinal, Arquitetônica, Comunicacional, Instrumental, Programática, Metodológica e Natural.

Cada uma dessas dimensões evidencia tipos específicos de barreiras e condições necessárias para assegurar participação plena, autonomia e equidade no processo educativo. Assim, ao articular camadas e dimensões, torna-se possível ampliar a compreensão sobre como a acessibilidade se integra durante a concepção pedagógica do produto e/ou do processo, e não apenas como uma adaptação a ser realizada ao final.

A Matriz oferece caminhos para concepção de produtos e processos educacionais acessíveis. Ela pode ser utilizada em momentos de formação docente, na criação de materiais didáticos, na elaboração de produtos educacionais de mestrado ou doutorado, ou ainda como ferramenta heurística para estimular reflexão crítica sobre práticas pedagógicas.

Para cada dimensão de acessibilidade, são indicados aspectos e estratégias a serem considerados na elaboração da matriz do seu próprio produto ou processo.



Matriz

1. Acessibilidade Atitudinal

Conceitual	Didático-Pedagógica	Comunicacional	Estético-Funcional
<ul style="list-style-type: none"> • Concepção do produto/processo com base na legislação sobre deficiência; • Uso de autoras(es) com deficiência e/ou sobre deficiência; • Validação do produto/processo com consultores de acessibilidade; • Uso de conceitos não capacitistas ou anticapacitistas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Concepção do público com deficiência em uma perspectiva biopsicossocial/interacional. • Reconhecimento da diversidade de aprendizagens e de formas de expressão nas atividades interativas e avaliativas. • Previsibilidade/clareza do produto/processo completo (visão do todo, como um sumário). 	<ul style="list-style-type: none"> • Uso de linguagem e termos não capacitistas ou anticapacitistas; • Eliminação de estigmas/preconceitos e estereótipos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Funcionalidade do produto/processo para pessoas com deficiência; • Produzir documentos digitais com configurações acessíveis (estrutura de tópicos); • Concepção do fluxo de uso do produto/processo considerando aspectos de navegação e usabilidade acessíveis.

2. Acessibilidade Arquitetônica

Conceitual	Didático-Pedagógica	Comunicacional	Estético-Funcional
<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento de que barreiras arquitetônicas podem ser barreiras pedagógicas que impactam na aprendizagem, na participação e na autonomia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento do fluxo de uso sem criação de barreiras físicas ou estruturais; • Planejamento da adaptação para utilização da estrutura do ambiente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sinalização adequada dos ambientes e locais utilizados para atividades (placas, tapetes táteis, braile, wayfinding etc.). 	<ul style="list-style-type: none"> • Ambientação ou estruturação do cenário educacional; • Organização do espaço; • Seleção de espaços com acessibilidade arquitetônica.

3. Acessibilidade Comunicacional

Conceitual	Didático-Pedagógica	Comunicacional	Estético-Funcional
<ul style="list-style-type: none"> • Uso de conceitos e definições a partir de linguagem multimodal, ou seja, a mesma mensagem disponível de diferentes formas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Uso de recursos pedagógicos acessíveis; • Metodologia acessível/flexível; • Uso de múltiplas estratégias de comunicação; • Estímulo ao envolvimento entre alunos com e sem deficiência. 	<ul style="list-style-type: none"> • Comunicação acessível que permita autonomia; • LIBRAS e/ou intérprete; • Audiodescrição; • Texto alternativo; • Legendas; • BRAILLE; • CAA; • Estruturas 3D; • Múltiplos canais de comunicação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Contraste, fontes e cores, legibilidade; • Estruturas 3D; • Ícones e símbolos intuitivos; • Design do produto.

4. Acessibilidade Instrumental

Conceitual	Didático-Pedagógica	Comunicacional	Estético-Funcional
<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento dos recursos e artefatos como elementos estruturantes da aprendizagem e como direitos educacionais; 	<ul style="list-style-type: none"> • Atentar para metodologias condizentes com o contexto de aplicação das ferramentas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Manuais ou instruções acessíveis; • Suporte socioemocional. 	<ul style="list-style-type: none"> • Estrutura de tópicos em documentos digitais; • Recursos alternativos de uso; • Organização funcional objetiva; • Ergonomia dos materiais; • Tecnologias assistivas de baixo custo; • Diferentes versões de disponibilização.

5. Acessibilidade Programática

Conceitual	Didático-Pedagógica	Comunicacional	Estético-Funcional
<ul style="list-style-type: none"> • Diretrizes de acessibilidade desde o planejamento; • Fundamentação em leis e políticas de inclusão; • Aporte teórico sobre acessibilidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades condizentes com as políticas de acessibilidade; • Desenvolvimento de instruções claras e objetivas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Suporte comunicativo amparado por lei. • Uso da linguagem simples. • Reconhecimento de múltiplas formas de comunicação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Adequação das intenções programáticas ao contexto para um Design Universal.

6. Acessibilidade Metodológica

Conceitual	Didático-Pedagógica	Comunicacional	Estético-Funcional
<ul style="list-style-type: none"> Fundamentação em metodologias inclusivas, ativas e nos pilares da Educação Inclusiva. 	<ul style="list-style-type: none"> Metodologias interacionais; Materiais conforme normas técnicas de acessibilidade; Implementação do Desenho Universal; Métodos acessíveis. 	<ul style="list-style-type: none"> Linguagem acolhedora e envolvente; Orientação didática clara; Explicações em diferentes formatos e linguagens; Uso de jogos e metodologias ativas. 	<ul style="list-style-type: none"> Estrutura clara das etapas; Visual que favoreça a execução; Design acessível e funcional.

7. Acessibilidade Natural

Conceitual	Didático-Pedagógica	Comunicacional	Estético-Funcional
<ul style="list-style-type: none"> Reconhecimento de ambientes naturais como espaços educativos que exigem planejamento para segurança, autonomia e participação 	<ul style="list-style-type: none"> Avaliação das acessibilidades e possíveis barreiras ao escolher ambientes naturais. 	<ul style="list-style-type: none"> Consideração das experiências sensoriais, físicas e cognitivas; Sinalização acessível em ambientes naturais. 	<ul style="list-style-type: none"> Adaptação dos ambientes naturais para o desenvolvimento das atividades.

Além da versão da Matriz, contida neste documento, disponibilizamos uma versão on-line para você gerar a sua própria matriz. Nessa versão, você pode preencher diretamente os campos correspondentes ao seu produto ou processo educacional, registrando decisões, justificativas e encaminhamentos ao longo das diferentes camadas e dimensões de acessibilidade contempladas.

Essa configuração favorece não apenas a sistematização do planejamento, mas também o acompanhamento do processo criativo, permitindo revisões, ajustes e aprofundamentos conforme as demandas do contexto educativo e o avançar do processo de elaboração do produto. Ao final do preenchimento, você pode baixar o documento com suas anotações, preservando a estrutura inicial para novos usos ou comparações.

Assim, a versão editável reafirma o caráter formativo, flexível e reutilizável da Matriz, fortalecendo seu potencial como recurso de reflexão crítica e de apoio à concepção de produtos e processos educacionais comprometidos com a acessibilidade e a inclusão desde o princípio.



Próximos passos

A inclusão, para nós, é um processo contínuo que exige uma mudança de atitude e de olhar, indo além das barreiras físicas, como defendido por Sasaki (2009) e pela Lei Brasileira de Inclusão (LBI) (Brasil, 2015). Por isso, o trabalho é guiado pelo princípio ético-político do “Nada sobre nós sem nós”, colocando a participação das pessoas com deficiência como primordial na criação. A partir de uma metodologia qualitativa e colaborativa, a matriz foi desenvolvida em conjunto pela turma, ouvindo as experiências de todas(os) (André, 2019; Minayo, 2014).

Aqui apresentamos a versão piloto da Matriz para concepção de produtos e processos educacionais acessíveis. A ideia central é que ela funcione como um ponto de partida para que estudantes e orientadoras(es) de pós-graduações profissionais na área de Ensino pensem a acessibilidade de forma ampliada e desde o início de seus projetos, não apenas como uma adaptação, muitas vezes lembrada de última hora, quando os produtos estão finalizados.

É importante ressaltar que ela é um instrumento piloto e não um modelo fechado. Nem temos essa pretensão, pois não queremos nem podemos dar respostas prontas, mas sim provocar reflexões, ajudando a fazer escolhas pedagógicas mais conscientes e, sobretudo, instigando processos criativos e inventivos, pois as soluções não estão dadas. Por isso, a Matriz apresenta limitações e precisa ser adaptada a diferentes realidades, pois a inclusão não se resume a cumprir requisitos técnicos, mas envolve dimensões atitudinais e metodológicas (Diniz, 2007).

O futuro da Matriz depende agora de sua aplicação e aprimoramento. Os próximos passos são vistos como uma continuidade natural do projeto, focados em tirar esta versão piloto do papel e colocá-la em diálogo com a realidade. A primeira testagem será, de imediato, nos projetos individuais de pós-graduação das(os) integrantes da turma. Essa testagem é crucial para verificar se a Matriz é clara e funcional na prática (Gil, 2010).

Também queremos expandir esta rede para outras(os) estudantes e orientadoras(es) interessadas(os). Não queremos que a Matriz fique restrita ao nosso grupo. Para isso, ela está sendo aqui disponibilizada como um Recurso Educacional Aberto (REA), permitindo que seja usada, adaptada e compartilhada livremente (Mendonça, 2022).

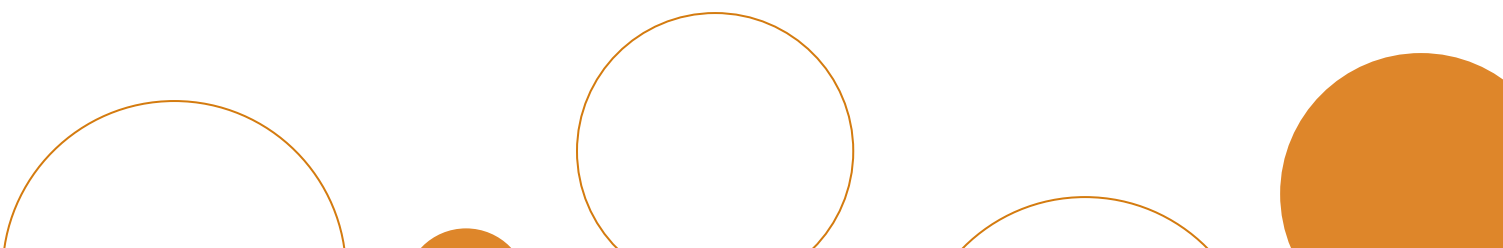
Resultados esperados

Ao compartilharmos nossas experiências reflexivas sobre os desafios de conceber produtos e processos educacionais acessíveis, queremos contribuir para a eliminação de diferentes barreiras nos cenários de ensino–aprendizagem. Sobretudo, barreiras atitudinais, comunicacionais, metodológicas e instrumentais.

A versão piloto da Matriz que aqui apresentamos visa auxiliar todas(os) nós, pesquisadoras(es) e profissionais da área de Ensino, a conceber produtos e processos educacionais acessíveis com a participação de pessoas com deficiência em todas as etapas de elaboração, possibilitando, assim, um processo de pesquisa que seja colaborativo e criativo.

Para isso, é preciso reconhecer a discussão sobre inclusão e acessibilidade como transversal na área de Ensino, não específica de quem trabalha com Educação Especial ou Educação Inclusiva, pois todas as nossas pesquisas e produtos ou processos educacionais podem ser do interesse e estabelecer conexões com públicos com deficiência.

Portanto, esperamos seguir esse movimento, agregando outras(os) interessadas(os), trocando posições, experiências e divergências, buscando caminhos comuns e nos transformando como pesquisadoras(es) e cidadãs(ãos).



Referências bibliográficas

ALVES, V. P. **O ciclo da pesquisa-ação na construção de um produto educacional.**

Pesquisa em Educação, Santos, v. 11, n. 25, p. 11–25, 2019.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade.** São Paulo: Papirus, 2010.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 11 dez. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 11 dez. 2025.

BRASIL. **Decreto nº 12.686, de 2025.** Estabelece a Diretriz Nacional de Educação Especial Inclusiva. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília, DF: MEC, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001.** Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília, DF, 2001.

CENTER FOR EXCELLENCE IN UNIVERSAL DESIGN (CEUD). **What is Universal Design.** Dublin, 2025. Disponível em: <https://universaldesign.ie>. Acesso em: 11 dez. 2025.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

GAIMAN, Neil. **Coraline.** São Paulo: Rocco, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

- LUZETTI, Ana Paula; RODRIGUES, Rita de Cássia. **Design Universal para a Aprendizagem**: contribuições para a educação inclusiva. Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 34, 2021.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- MENDONÇA, Andréa Pereira; RIZZATTI, Ivanise Maria; RÔÇAS, Giselle; FARIAS, Marcella Sarah F. de. **O que contém e o que está contido em um processo/produto educacional?** Reflexões sobre um conjunto de ações demandadas para Programas de Pós-Graduação na Área de Ensino. Educitec – Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico, v. 8, e211422, 2022. Disponível em: <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/view/2114/877>. Acesso em: 11 dez. 2025.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris, 1948.
- SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. Revista Nacional de Reabilitação (Reação), v. 12, n. 2, p. 10–16, 2009. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf. Acesso em: 11 dez. 2025.

